

O ser e o saber na complexidade: caminhando na e com as contradições na Educação

Alan Willian de Jesus¹, Luciana Pacheco Marques²

Resumo:

Neste artigo, diante das reflexões do pensador francês Edgar Morin, consideramos o que pode surgir a partir de uma noção de enraizamento humano do todo nas partes e suas possíveis potencialidades na relação com a educação. O foco na educação nos convida (e, talvez, suplica) a uma escuta e escrita queousem apresentar mais do que uma fórmula e uma problemática de práticas educativas supostamente inovadoras. Preferimos dialogar tendo em conta a tentativa de uma contração entre vida e conhecimento, fazendo emergir afetamentos no ser e no saber, implicando numa outra forma de compreender a nossa própria luz/sombra situada no mundo, ensaiando a possibilidade de civilizarmo-nos com o prelúdio da religação e criando alargamentos entre vida e conhecimento.

Palavras-chave: Educação. Complexidade. Edgar Morin.

1 Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.
E-mail: alan.faced@yahoo.com.br

2 Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas; Professora Titular da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora; Coordenador Pedagógico contratado da Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora/MG.

E-mail: luciana.marques65@gmail.com

Be and know the complex: hiking in and with contradictions in Education

Alan Willian de Jesus, Luciana Pacheco Marques

Abstract:

In this text, in the face of the reflections of the French thinker Edgar Morin, we consider what can arise from a notion of human rooting altogether in the parts and their possible potentialities in relation to education. The focus on education invites us (and perhaps begs) to a listening and writing that dares to present more than a formula and a problematic of supposedly innovative educational practices. We prefer to dialogue in the attempt of a contraction between life and knowledge, causing affections in the being and in the knowledge, implying in another way to understand our own light/shadow situated in the world, rehearsing the possibility of civilizing ourselves with the prelude and creating enlargements between life and knowledge.

Keywords: Education. Complexity. Edgar Morin.

*Diante da idéia de desafio, é bom saber que há o risco do erro ontológico, da ilusão, e que o absoluto é, simultaneamente, o incerto. É preciso que tenhamos claro que, em dado momento, engajamos a nossa e outras vidas, na maioria das vezes, sem querê-lo ou sabê-lo.*³

Edgar Morin

1 Vida e conhecimento em contração

Mergulhar neste universo complexo da unidade/multiplicidade humana é mergulhar, antes de tudo, numa trajetória evidente – sem querermos reduzi-lo – de religação e de aliança entre o conhecimento da vida e o conhecimento do conhecimento que orientam o nosso campo de significado. É mergulhar na construção contraída da vida e do conhecimento do pensador francês Edgar Morin. Não podemos nos aventurar a dizer ao certo qual foi o início desta jornada (não temos essa pretensão) nem atrevermo-nos a dizer que seu término se dará ao se extinguir a vida desse “arquiteto da complexidade”, que transita pelas diversas áreas do conhecimento; mas apenas situarmo-nos no tempo das emergências presentes. Como ele próprio nos adverte, devemos “viver no tempo”, aliás, “o tempo permanece o soberano da faixa média, mas nas fronteiras, no além macrofísico, ele perde sua autonomia e se confunde na dimensão espaço-tempo.” (MORIN, 2003c, p. 285)

A vida desse pensador francês está fundada em suas obras; e suas obras mostram sua vida. Ao longo de seus escritos, podemos ver expostas suas peculiaridades e reflexões sobre a trajetória de sua vida, fazendo uma articulação biográfico-teórica. Mantendo essa coerência, Edgar Morin continua suas produções sempre procurando construir o caminho ao caminhar.

*Minha vida intelectual é inseparável de minha vida, como escrevi em *La Méthode: Não escrevo de uma torre que me separa da vida, mas de um redemoinho que me joga em minha vida e na vida*. Nietzsche dizia: “Sempre expus em meus escritos toda a minha vida e toda a minha pessoa... Ignoro o que possam ser problemas puramente intelectuais”. Não sou daqueles que têm uma carreira, mas dos que têm uma vida. (MORIN, 2003b, p. 9)*

Dessa forma, Edgar Morin vem produzindo e deixando em vários cantos do planeta não seguidores ortodoxos do entrelaçamento de suas propostas, mas, num devir, relatos de um viajante inventor e construtor de si mesmo, que se alimenta de várias culturas, religando vários conhecimentos aparentemente desconectados e nos impulsionando a enxergar a complexidade da vida e a necessidade de um pensamento complexo para o século presente. Desperta-nos para a nossa barbárie interior, centro de nossos maiores problemas, que se dissemina pela nossa invigilância de nos conhecermos pouco e nos amarmos, ou darmos mais ênfase à nossa constituição menos ética neste mundo.

3 (MORIN, 2008, p. 29)

4 Cf. *La Méthode*, tomo 2, *La vie de La vie*, *Le Seuil*, col. “Points Essais”, 1985. Nota do autor.

Desperta-nos para um relacionamento melhor conosco e com o Outro, conosco e com a natureza, aguçando-nos a fazermos parte de um todo; e que, estando imersos nele, mesmo que o nosso pensamento ainda esteja sob a presilha psíquica cartesiana de compreender e se relacionar com o mundo, temos a possibilidade de fazer um caminho diferente daquilo que vimos fazendo enquanto indivíduos e sociedade; onde caminhar construindo o caminho pode levar à realidade do inesperado e do improvável. Mesmo quando a realidade nos mostrar que tudo converge para certa probabilidade, o inesperado pode acontecer. Edgar Morin desperta-nos para o fato de que estamos envolvidos não apenas em ordem e certezas, mas por desordem e incertezas, desvendando-nos do olhar vertical e determinista. Ele vem nos alimentando com a necessidade da humildade na produção de conhecimento nas ciências, fazendo-nos perceber que, na Atualidade⁵, estamos envolvidos nos meandros das incertezas. No entanto, “a complexidade não se reduz à incerteza, *é a incerteza no seio de sistemas ricamente organizados*. Ela diz respeito a sistemas semi-aleatórios cuja ordem é inseparável dos acasos que os concernem.” (MORIN, 2007a, p. 35)

A realidade expressa dentro de nós caracteriza, sensivelmente, a realidade expressa fora de nós. Há aí, talvez, o problema-chave da contradição que, pela ciência clássica, vem guiando a nossa forma de produzir conhecimento apenas na lógica da redução e disjunção. Sempre nos fora dito que a contradição era uma fonte de erro e que uma antítese precisaria refutar a tese anterior. Talvez esse pensamento tenha ganhado forças nas dimensões sociais de referência na materialidade e num pensamento reducionista e fragmentador, mas o homem e a mulher na Atualidade vêm percebendo que as contradições constituem a própria vida.

Para a lógica clássica, a contradição entre duas descrições de objetos microfísicos que, segundo os casos, aparecem como ondas ou como partículas deve ser rejeitada. É aqui que a contribuição de Niels Bohr é iluminadora ao declarar que seria necessário aceitar a contradição entre duas noções, que mesmo sendo opostas tornam-se complementares. (MORIN, 2014, p. 145)

O observador modifica o observado permanentemente⁶, e isso não foge ao cotidiano. Segundo Moraes (2008), a filósofa e física inglesa Danah Zohar sustenta que podemos nos servir dos princípios e da dinâmica da realidade quântica a fim de derivar um novo modelo para as nossas relações sociais e políticas. Dessa forma, é compreensível que o mundo se modifique permanentemente. Percebemos isso ao nível de nossa condição humana, isto é, a natureza humana se organiza conforme o meio em que habita. Fazemos parte de um todo, onde vida e conhecimento se entrelaçam pela própria potência do

5 Forma como estamos nomeando a chamada Pós-Modernidade, de acordo com Marques (2001).

6 Conforme Moraes (2008, p. 34), “o *Princípio da Incerteza* de Heisenberg revela a impossibilidade de se prever a reação de um elétron em um determinado experimento. De acordo com este princípio, é impossível prever o que um elétron fará e quando isto ocorrerá, pois ao medir um objeto, o observador perturba a situação e interfere no estado onda/partícula que o elétron se apresenta. Heisenberg nos ensinou que somente é possível prever a média da probabilidade das reações e não o que realmente acontece em cada experimento”.

devir humano. Devemos ir além das contradições aparentes apenas como algo a ser rechaçado, sobretudo pela noção de se produzir conhecimento segundo a tradição do pensamento mecanicista e fragmentador. Precisamos, neste sentido, reaprender a pensar, e a pensar-bem (MORIN, 2007b). Uma nova condição de *modus vivendi* requer uma nova condição do pensamento. Doravante, cabe-nos compreender que o ser e o saber emergem na e em relação.

Niels Bohr me conduziu à ideia de que o separado é também inseparável, pois, segundo a observação, a partícula microfísica aparece ora como onda – contínua – ora como corpúsculo – objeto separado. Bohr, no entanto, ampliou sua reflexão para além da microfísica, ao observar que a relação entre o indivíduo e a sociedade não é menos paradoxal: se olharmos a sociedade, o indivíduo se dissipa nesse todo, se olharmos o indivíduo, a sociedade se dissolve: o mesmo acontece com a relação indivíduo/espécie; acrescento que isso vale para a relação bioantropológica: visto psíquica e culturalmente, ele é aliado, separado do mundo vivo, e esta última visão, que se tornou unilateral, impôs-se até os dias atuais no conhecimento ocidental. (MORIN, 2014, p. 146)

Aquilo que, aparentemente, a natureza da vida e do conhecimento nos afeta de formas opostas pode nos chegar como complementaridade. O que chamávamos de distância entre objeto e sujeito ou a perspectiva de neutralidade entre ambos para se fazer pesquisa tornou-se fluida e incerta. A partir desse olhar, o objeto (observado) somente pode ser analisado pela lucidez de que há uma relação entre o observador e o observado. A partir dessa perspectiva, muda-se a lógica de olharmos a vida e o conhecimento. Muda-se o ponto de vista; torna-se, pois, metapontos de vista provisórios (MORIN, 2007a) devido à dinamicidade da relação que há entre a vida e o conhecimento. No fluxo dos acontecimentos, a vida guia nossos conhecimentos, que guia a nossa vida, numa *dialogia*, como propõe Morin: “como associação de instâncias, ao mesmo tempo, complementares e antagônicas e considero as inúmeras dialógicas particulares no mundo físico, no mundo vivo e no mundo humano. (MORIN, 2003b, p. 62) Isto é, um entrelaçamento das coisas que, aparentemente, estão separadas, como a razão e a emoção, o real e o imaginário (MORIN, 2003a).

Nunca deixei de estar submetido à pressão simultânea de duas ideias contrárias e que me parecem ambas verdadeiras, o que me leva ora a ir de uma a outra, segundo as condições que acentuam ou diminuem em força de atração de cada uma, ora a aceitar como complementares essas duas verdades que, no entanto, deveriam logicamente se excluir uma à outra. Tenho, ao mesmo tempo, o sentimento da irreduzibilidade da contradição e o sentimento da complementaridade dos contrários. É uma singularidade que vivi, principalmente admitida, depois assumida, enfim integrada. (MORIN, 2003b, p. 47)

Ao mesmo tempo em que percebemos que a banalização da vida e os tempos de crise do conhecimento nos assenhoram, percebemos a história a nos mostrar que tempos pessimistas trazem consigo possibilidades de transformações marcantes que nos sinalizam a emersão de um outro tempo. A vida e o conhecimento para um outro tempo, o ser para um outro tempo, um saber para um outro tempo. Quando

esses princípios de um amanhã ensejam a nossa forma de esperar já no hoje, operamos a nossa forma de ver, agir e sentir no e com mundo, sendo guiadas por uma ética que atravessa nossas relações interiores e exteriores, amalgamando-se pelo autoconhecimento inevitável. Assim, pois, “auto-ética é, antes de tudo, uma ética de si para si que desemboca naturalmente numa ética para o Outro.” (MORIN, 2007b, p. 93)

Nesse movimento de contração entre a vida e o conhecimento, através do qual defendemos a construção para uma vida mais decente, a ética precisa nos nutrir para afrouxarmos os nós górdios existenciais. Nas relações com o Outro, o homem e a mulher se educam. “O Outro é importante para que possamos nos conhecer a nós mesmos, mas não nos dispensa da auto-análise, a qual nos permite integrar o olhar do outro em nosso esforço de autocompreensão.” (MORIN, 2007b, p. 94) Vamos, assim, suscitando outra consciência para este tempo emergente que vivemos, movendo-nos de nosso centro egocêntrico que resiste e se fecha para afetamentos mais solidários com o Outro. Ser-movimento-saber em relação. Se há movimento entre o ser e o saber, há mudança no princípio constitutivo da vida. Contudo, movimento e mudança precisam ser direcionados por um princípio ético, a fim de que não sejamos guiados por nossa própria barbárie interior. Autoanálise, autocrítica e o encontro com o Outro em movimento (MORIN, 2007b). Nesse sentido, somente podemos ensinar um êxito maior, na tentativa de transformação e mudança externa, quando os sentidos e significados primários dessa mudança começarem em nosso interior.

Se nos circunda uma vivência, no nível microscópico e macroscópico, do princípio da relação entre o observador e observado, ele também se dá na relação entre a vida e o conhecimento em nosso cotidiano, onde encontramos a noção de que a realidade expressa dentro de nós vai transformando a realidade fora de nós, no fluxo, na dialogicidade, no devir. A escuta inevitável nesse movimento é a de pensar sobre as cordialidades e cretinices que temos jorrado por nossa vida e nosso conhecimento, impulsionando-nos ao avanço e/ou ajudando a desfarelar outras vidas e conhecimentos. Nossa condição de *homo sapiens sapiensdemens* (MORIN, 2002c) leva-nos, inevitavelmente, à inclinação de pensar, pensar e agir nas contradições (MORIN, 2003b) em que as impossibilidades solidárias podem emergir e construir uma transformação coletiva para uma ética planetária possível e urgente.

2 Ser e saber em movimento

Por que falar de mim? Não é decente, normal, sério que, tratando-se de ciência, de conhecimento, de pensamento, o autor se apague em sua obra e se dissipe em um discurso tornado impessoal? Nós devemos, pelo contrário, saber que é aí que começa o teatro. O sujeito que desaparece em seu discurso se instala na verdade na Torre de Controle. Fingindo deixar lugar ao sol copernicano, ele reconstitui um sistema ptolemaico no qual seu espírito é o centro [...] Mas eu sei cada vez mais que o

*único conhecimento válido é o que se alimenta de incerteza e que o único pensamento que vive é o que se mantém na temperatura de sua própria destruição*⁷.

Edgar Morin

Em meio à complexidade planetária na qual vivemos e da qual somos parte, em meio ao redemoinho racional e sentimental intenso no qual estamos mergulhados, surge, a cada instante, a necessidade de (re)pensarmos, agirmos e vivermos na e com a Educação, neste tempo complexo⁸.

Apesar de uma das marcas da Modernidade ter impulsionado a racionalização, a idealização, a normalização e a dicotomia, expressando, por diversos cantos do mundo, o paradigma cartesiano que predominaria no ocidente: “sujeito/objeto; alma/corpo; espírito/matéria; qualidade/quantidade; finalidade/causalidade; sentimento/razão; liberdade/determinismo; existência/essência” (MORIN, 2002c, p. 26); observamos uma crise profunda em sua própria estrutura, sobretudo no que tange à base da racionalidade, o discurso das metanarrativas, e uma noção de sujeito metafísico.

Tensões, turbulências e grandes descobertas científicas vêm desenvolvendo-se exponencialmente, principalmente a partir da segunda metade do século XX. Estamos em meio a um redemoinho temporal, em que a ordem e a desordem envolvem-nos, não nos deixando perder de vista o todo complexo do qual fazemos parte. Apesar dos ideais da Modernidade, o homem nunca deixou de ser 100% natureza e 100% cultura (MORIN, 2007c), e essa sensação, cada vez mais forte, vem nos empurrando contra a parede para sermos e estarmos mais conscientes de que era complexa está à nossa volta e que estar no e com o mundo vai além de ser homem, é uma consciência de ser sujeito na e com as contradições, em que cada ação gera uma reação, em que é inegável estarmos circundados pelo imprevisível, pelo novo.

Estamos, sem dúvida, abertos ao recomeço, mas conscientes de um recomeço embevecido pelas contradições que não se repetem. Assim, pois, na *irreversibilidade do tempo* (MORIN, 2005), um recomeço complexo anuncia, em nós, o impulso pelo autoconhecimento. Um novo olhar poético, prosaico, filosófico, científico, demente, amoroso... um novo enxergar complexo. Uma ética que não permite que nos tornemos invisíveis em nosso discurso.

Neste fluxo que move o ser e saber, a *Ética da Compreensão* (MORIN, 2003b) auxilia-nos a abrir nossos olhos e ouvidos para o quanto temos ignorado a própria *Condição humana* (MORIN, 2003b), quanto mais para ensiná-la. A tempestade da cegueira paradigmática caiu sobre o nosso *ser e saber*, deixando-nos imersos na segmentação/redução de nós outros. Um mal estar se instalou em nossas concepções ao longo dos

⁷ (MORIN, 2005, p. 38-39)

⁸ Na complexidade do momento em que estamos experienciando, o *ser* e o *saber* se entrelaçam na teia das relações múltiplas do improvável, das possibilidades abertas e das transformações, em que a história vai se constituindo para além das probabilidades ordenadas e determinadas que a ciência clássica nos tentou fazer acreditar.

séculos. Caímos na cilada de “ver” o mundo tal como um pesquisador imaturo que se contenta com a visão da ponta de um *iceberg* na imensidão do oceano. Estamos apenas “vendo” o mundo, e não “enxergando-o”. Para nós, o “enxergar” precisa contemplar uma *Ética da Compreensão*. Esta ética pede que se compreenda a incompreensão, pois que “se soubermos compreender antes de condenar, estaremos no caminho da humanização das relações humanas.” (MORIN, 2002c, p.100) A *Condição humana* tem raízes muito mais profundas. A hominização conduz a novo início, o homem já não é mais apenas *sapiens*, ele também é *demens* (MORIN, 2002c). O sujeito não é apenas *diferente* em sua especificidade biológica, muitas vezes usada como ícone para chacotas preconceituosas, de acordo com a visão de mundo que temos dentro de nós. “Doravante, o conceito de homem tem duplo princípio; um princípio biofísico e um psico-sócio-cultural, um remetendo ao outro.” (MORIN, 2002c, p. 51) A condição de sujeito histórico é inerente a todos e todas; e esta ética é necessária nas relações sociais, e acreditamos que uma Educação pertinente não pode fugir a ela. Para tanto, para compreender o Outro, é preciso compreender a si mesmo; “a compreensão do Outro requer a consciência da complexidade humana.” (MORIN, 2002c, p. 101)

Apesar de Morin (2003c) nos dizer que todo esforço para fazer evoluir, melhorar o homem, nos reconduz ao problema da educação, observamos, nesta mesma educação, o problema do erro e da ilusão (MORIN, 2002c). Uma espécie de cegueira paradigmática com a qual vimos nos constituindo. “Não se joga o jogo da verdade e do erro somente na verificação empírica e na coerência lógica das teorias. Joga-se também, profundamente, na zona invisível dos paradigmas. A educação deve levar isso em consideração.” (MORIN, 2002a, p. 24) Seguindo a reflexão, “o paradigma efetua a seleção e a determinação da conceptuação e das operações lógicas. Designa as categorias fundamentais da inteligibilidade e opera o controle de seu emprego. Assim, os indivíduos conhecem, pensam e agem segundo paradigmas inscritos culturalmente neles.” (MORIN, 2002a, p. 25)

Quando falamos de cegueira paradigmática, não nos colocamos como os únicos a sabermos que a Terra gira em torno do Sol, e que o restante do mundo acredita no contrário. Pensamos que esta grande tempestade não veio, simplesmente, de um lugar distante e nos domina tal como bonecos de ventríloquos. Pensamos que o meio nos influencia, mas ele, por si só, não forma a nossa Condição Humana. As informações e as culturas dos outros “eus” que chegam até nós – por mais que alguns processos educacionais simplistas tenham como pano de fundo “depositar o conhecimento naqueles que não o têm” – são ressignificadas pelo nosso “Eu” e “eu”, formando assim a nossa visão de mundo. No entanto, por vezes, vemos discursos autojustificativos: “*Eu sou assim, porque aprendi assim*”, ou “*Eu ensino assim, porque foi ensinado assim pra mim*”. Aqui está o desafio frente às cegueiras paradigmáticas, pois que, para voltarmos a “enxergar”, é necessária, também, a autocrítica, a introspecção de si para si no movimento do ser e saber.

“A autocrítica é o melhor auxiliar contra a ilusão egocêntrica e em favor da abertura ao outro.” (MORIN, 2007b, p. 95) “O auto-exame crítico permite que nos descentremos em relação a nós mesmos e, por conseguinte, que reconheçamos e julgemos nosso egocentrismo. Permite que não assumamos a posição de juiz de todas as coisas.” (MORIN, 2002c, p. 100) Não podemos omitir nossa parcela de responsabilidade na construção da Educação que ainda vivenciamos, que, de certa forma, tornou-se esquizofrênica em partes (MORIN, 2003a). Culpar o sistema ou agentes externos, como se apenas o Outro cometesse equívocos, deixa claro o quanto o nosso orgulho cega e falece o humano do humano existente em nós. Se concebermos, no sentido forte e profundo, essa possibilidade, vamos ver que vedamos os nossos olhos para a autocrítica, pois que, ao lançarmos anátemas sobre o Outro, podemos estar nos eximindo de melhorarmos a nós mesmos e preferindo o cômodo aposento da torre de controle, incrustando-se no centro de nosso mundo, julgando a outrem, ao passo que camuflamos, assim, o nosso egocentrismo.

A cegueira paradigmática nos leva ao esgotamento do mundo ao colocarmos para fora de nós o pensamento reducionista.

O problema-chave da ética para si é o da relação com o nosso egocentrismo. Há em cada um de nós um núcleo egocêntrico indestrutível e, por causa disso, existe na vida moral uma parte amoral, de resto necessária ao exercício da moral, mesmo que seja por permitir a sobrevivência: uma ponta de indiferença é necessária para evitar a decomposição pela dor do mundo. Não é possível viver sem estar parcialmente fechado, alheio, cego, petrificado. Mas é contra o fechamento, a cegueira, a petrificação, que o espírito deve, intelectual e eticamente, resistir. (MORIN, 2007b, p. 95-96)

O princípio da mudança e do movimento inerente à nossa *Condição Humana* mostra-nos que a realidade não é previsível, determinada, tal como o pensamento mecanicista, da ciência clássica, que o positivismo procurou mostrar. Se estamos em meio à desordem, às incertezas e às contradições, nosso próprio inconsciente é produtor e produto de uma teia de relações múltiplas de ordem e desordem, caos e ordem. Tentamos encaixar a lógica difusa do ser e saber num pensamento linear. São os já conhecidos conteúdos abordados em sala de aula, descontextualizados da vida dos alunos e alunas. A tentativa de manter uma tradição pedagógica de ordem, disciplina e de verdade histórica enquanto método de ensino, para sentirmo-nos seguros com um método que não apenas promete conduzir o sujeito a um caminho seguro do aprender, mas de consertar possíveis desviantes de uma conduta social reprovada por uma lógica de pensar a vida a partir de uma apologia do normal.

O caminho certamente se inicia a partir de algo e também prefigura um fim. É importante compreender aqui o lugar ocupado pela teoria e como ela se relaciona com o método. Uma teoria não é o conhecimento, ela permite o conhecimento. Uma teoria não é uma chegada, é a possibilidade de uma partida. Uma teoria não é uma solução, é a possibilidade de tratar um problema. Uma teoria só cumpre seu papel cognitivo, só adquire vida com o pleno emprego da

atividade mental do sujeito. E é essa intervenção do sujeito o que confere ao termo *método* seu papel indispensável. (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 24)

Compreendemos o “Método, o qual na teoria da complexidade é tido como marcha, é preciso aceitar o caminhar sem caminho, o fazer o caminho andando.” (MORIN, 2005, p. 35) O maior erro seria subestimar o erro (MORIN, 2002a). O erro é um problema prioritário e inerente ao sujeito. “A vida comporta inúmeros processos de detecção e repressão do erro, e o extraordinário é que a vida também comporta processos de utilização do erro, não só para corrigi-los, mas também para favorecer o surgimento da diversidade e da possibilidade de evolução.” (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 25)

O ser e o saber se constituem na relação de um devir inacabável. Esse devir comporta a certeza e a incerteza, o movimento e a mudança. No paradigma da complexidade, a noção de sujeito metafísico, fragmentado, simplificado se esvaece. Edgar Morin admite o ser biológico e o psicossociocultural, numa grande evolução biológica que rompe com as classificações do homem da ciência clássica, do mecanicismo e determinismo. Mas se estamos no movimento da Atualidade, em que um misto de possibilidades abertas e complexas nos envolve, tanto em uma tradição da Modernidade quanto nas ideias de questionamento a ela, não podemos fechar os olhos, por vezes, para o que há de mais hostil nos velhos paradigmas que guiam os nossos passos. Uma visão disjunta de sujeito ainda está em nós. Certos caminhos e formas de pensar algumas áreas do conhecimento da Educação têm alimentado sublinearmente uma relação fria e indiferente das relações na escola. Vemo-las, ao longo dos tempos, na mesma noção da exigência da “qualidade total” requerida pelas empresas, na relação de opressão entre patrão x empregado, e/ou vendedor x cliente, sendo disseminada na lógica curricular das escolas ao lado de teorias que se propõem a emancipar alunos e alunas.

Se a lógica da Modernidade procurou dicotomizar o sujeito e, assim, a maquinaria escolar constituída neste contexto, também serviu como produtora dessa concepção, a lógica escolar vem fixando uma intenção de uma tradição pedagógica do conhecimento enquanto cultura superior sustentado pela suposta verdade científica, deixando à margem os saberes populares que constituem a sociedade e o contexto da vida cotidiana dos sujeitos que constituem a escola. Percebemos, então, que há um distanciamento entre o ser dotado de saberes cotidianos e os saberes históricos, tradicionalmente ensinados na escola, em que estes últimos, além de mais valorizados na sociedade, aparecem como supostas pedagogias inovadoras, o que nos parece, no entanto, mais uma maquiagem da crise da racionalidade e das certezas, posta como a salvadora da sociedade, sendo a própria escola uma das instituições reprodutoras da fragmentação, do reducionismo e das certezas. Todavia, os caminhos da Educação e o cotidiano escolar nos mostram não somente a fragmentação e o reducionismo e as certezas ou aquilo que chamamos de provável, mas também a loucura, as incertezas, a desordem

e o caos que, diferentemente do que comumente pensamos, é aí que habita a inovação que de fato leva à potência e à criação.

Vemos que a fragmentação do ser escorreu pelas frestas dos saberes, e vice-versa, não sendo surpresa visível na vida e no conhecimento. O que fazemos agora, a nosso ver, não é nada de novo, mas, sim, tentar unir o que nunca se separou pelo princípio da complexidade. Contudo, o pensamento complexo não se configura numa outra moda ou mesmo se apresenta contra as disciplinas (que é um ramo do saber voltado para ele mesmo), ele é um modo organizador do pensar que pode atravessar as disciplinas, e que pode dar uma espécie de unidade, fazendo-o através da transdisciplinaridade, ou seja, um metaponto de vista sobre a Terra, o Cosmos, a Humanidade, o Homem, o Conhecimento etc. Esse é profundamente mais integrador, mas que não funciona sem ser tecido junto. O conhecimento da *Condição humana* não se resume às ciências. Temos de considerar a importância da arte: literatura, cinema, música, entre outras, em nosso meio. Nossa vida não é somente prosa, mas também poesia. Os aparentes contrários podem se complementar.

A vida é uma alternância, e por vezes, uma mistura de prosa e poesia? O que é prosa? São as coisas mecânicas, cronométricas que nos obrigamos a fazer para ganhar a vida. O que é a poesia? Momentos de intensidade, comunhão, amor, alegria e prazer que podemos experimentar também nas festas, jogos de futebol. Hölder afirmava com muita propriedade: “O homem habita poeticamente a terra”. Seria necessário acrescentar a essa afirmação: Poética e prosaicamente. A prosa nos ajuda a sobreviver, mas a poesia é a própria vida. (MORIN, 2002b, p. 89)

Neste movimento, o ser e o saber, em contração, em meio à contradição deste tempo presente, rogam por um entrelaçamento na educação de um pensar, sentir e agir de um sujeito que se educa em comunhão, na educação, não somente de competências e habilidades nas certezas, mas também com as incertezas.

E se os nossos ser e saber passassem, num só golpe, diante de nossos olhos, o que teríamos para ver? Como podemos nos sentir injustiçados se nossas práticas estão encobertas pelas lápides do falso bom senso e da incompreensão? É inegável que vivemos nas contradições, mas isso não significa que não possamos enfrentá-las, ao mesmo tempo em que nos alimentemos dela para problematizar os nossos egoísmos.

Se a auto-ética tem seus princípios bem assegurados, ela não encontra, por isso, menos dificuldades, que não tem solução apenas na consciência de “fazer bem”, de “agir pra o bem” ou de fazer o seu dever”. Como tudo o que é humano, ela deve enfrentar incertezas. Estas surgem das dificuldades do autoconhecimento e do auto-exame crítico, das incertezas da própria ação e, enfim, de imperativos éticos contrários. (MORIN, 2003b, p. 100)

Sempre há tempo para mudanças, ninguém é tão velho que não possa *repensar sua reforma*, construir o seu próprio conhecimento, nem tão novo que não possa *reformular o pensamento*, dando início à solidariedade e à humildade de conhecimento. É necessário

abrir-se para a consciência da complexidade do ser e do saber. Pô-los em movimento de, enfim, romper com a cegueira que há tanto tempo vem nos assenhorando.

Muitas são as fontes de cegueira: em relação a si e ao outro, fenômeno geral cotidiano; cegueira pela marca da cultura nos espíritos; cegueira resultante de uma convicção fanática, política ou religiosa, de uma possessão por deuses, mitos, idéias (sic); cegueira proveniente da redução e da disjunção; cegueira por indiferença, ódio ou desprezo; cegueira criada pelos turbilhões históricos que arrastam os espíritos; cegueira antropológica vinda da demência humana; cegueira oriunda de um excesso de racionalização ou de abstração, as quais ignoram a compreensão subjetiva. Cegueira por desconhecimento da complexidade. (MORIN, 2007b, p. 120)

Dessa forma, “a autocrítica torna-se assim uma cultura psíquica cotidiana mais necessária que a cultura física, uma higiene existencial que alimenta uma consciência em permanente vigilância.” (MORIN, 2007b, p. 96) Tal virtude é inerente ao homem, mesmo quando a história de nossas vidas, às vezes, não a enxerga. Se temos, em nós, a indiferença, temos também o altruísmo. Somos capazes de desprezar o Outro, mas somos também capazes de nos doarmos para o Outro. É necessário, pois, inverter, (re)inventar os espaços institucionalizantes e institucionalizados com os sujeitos que ali habitam, enfrentando as contradições, isto é, “o jogo dos antagonismos, sem necessariamente suscitar síntese, é em si mesmo produtivo.” (MORIN, 2003b, p. 59)

Os sinos dobram por uma cabeça cheia, pois mais vale uma cabeça benfeita (MORIN, 2002a). A era complexa denuncia que não mais cabe, do educador para o educando, um sujeito pensante para educar um sujeito que nada sabe, a ilusão que temos, na Atualidade, de que muita informação quer dizer sabedoria.

O sujeito se auto-eco-organiza (MORIN, 2005). “O ser humano sabe o que quer, porque escolhe e decide a sua experiência, diante das possibilidades que se lhe apresentam.” (PETRAGLIA, 2008, p.70) O ser humano vive a construção de sua própria identidade concomitante com a dependência do meio. Todos e todas se situam no e com o mundo imerso na consciência cósmica. Podemos dizer que somos um ponto no holograma, pois que “trazemos no seio de nossa singularidade não somente toda a humanidade e toda a vida, mas também todo o cosmos, incluindo seu mistério que, sem dúvida, jaz no fundo da natureza humana.” (MORIN, 2002c, p. 51) Estamos situados na vida como um *ser* auto-eco-organizador.

As obras de Edgar Morin nos mostram que a sua vida faz parte do desenvolvimento de sua teoria num movimento recursivo (MORIN, 2003a). Assim sendo, a relação com o medo que, por vezes, enclausurava-o foi eclodindo com o tempo sobre a face da libertação e a ética para compreender a si mesmo e o mundo. Se a angústia, a vergonha e a timidez fecharam seu círculo psíquico por anos, por outro lado, Edgar Morin nasceu para o mundo e pariu “um mundo imaginário; lá, inúmeros fantasmas anulavam o acontecimento, reparavam o irreparável, saudavam o retorno do astro do amor.” (MORIN, 2003c, p. 297) Poderíamos aproveitar o ensino e nos

perguntar: onde escondemos os nossos medos? Onde nos escondemos quando os “nossos demônios” assombram o nosso ser e saber frágeis, que se condicionaram com as torpezas cotidianas?

Estamos também embevecidos por uma cultura cujo redemoinho se faz com medo, com morte e vida, que se entrelaçam na dialógica da ordem e da desordem no movimento da auto-eco-organização. “Um mundo totalmente desordenado seria um mundo impossível; um mundo totalmente ordenado tornaria impossíveis a inovação e a criação.” (MORIN, 2007b, p. 206)

Não podemos ousar fomentar uma verdade. No entanto, a realidade deste tempo complexo no qual vivemos a cada dia nos empurra contra a parede, a realidade do imprevisível. Não podemos dizer ao certo qual a direção que os ventos desse tempo complexo tendem a soprar, mas a complexidade já nos disse que o Outro é crucial na construção de nossa *Condição humana*. *Aí está!*

A verdadeira compreensão nos leva a refletir se um instante equivocado em nossas vidas – em que, num lampejo, preferimos escolher seguir nossas próprias torpezas exteriorizadas no mundo – pode servir para dizer quem somos. A verdadeira compreensão nos leva a refletir se um escorregão de outrora serve para definir o nosso agora, sem uma chance de revivermos outra vida, vivida para as outras vidas, na transformação que todos e todas podem vivenciar, pois que a compaixão do sofrimento dos humilhados funda-se na verdadeira compreensão, acolhendo-se na autoética.

O inesperado surpreende-nos. É que nos instalamos de maneira segura em nossas teorias e idéias, e estas não têm estrutura para acolher o novo. Entretanto, o novo brota sem parar. Não podemos jamais prever como se apresentará, mas deve-se esperar sua chegada, ou seja, esperar o inesperado [...]. E quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias e idéias (*sic*), em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo. (MORIN, 2002c, p. 30)

Por vezes, deixamo-nos levar por escolhas perversas que constituem o nosso “eu” na relação com o “tu”, a ênfase da barbárie da indiferença, processo que enfermiza o mundo e a nós mesmos. Doravante, a complexidade real envolver-nos-á, apenas dizendo o que sempre fez parte de cada um, em que o sistema disjunto que alçou o véu do esquecimento pelos tempos Modernos não se encontra só. Nesta espiral de ordem, existe também a desordem, a organização e a interação, indissociáveis e visíveis a todos e a todas sob a luz do pensamento complexo, que considera infatigavelmente o “e”, que forma também um tempo de amor, ao qual o pensamento complexo vem religar e propor, na Educação de um outro tempo, já neste tempo complexo em que, apesar de parecer, à luz de uma ética que contrai as relações, que mais nos afastamos do que nos aproximamos, o sujeito vive não apenas para si, mas para o Outro numa relação dialógica. O Outro, que nos é estranho, tem nos ajudado sobremaneira a nos conhecermos pela sua estranheza.

Estamos, numa relação ambivalente, diante de um desconhecido, hesitando entre simpatia e medo, não sabendo se ele se mostrará amigo ou inimigo. Para pacificar a relação e ir na direção da amizade, trocamos com ele gestos de cortesia. Mas estamos prontos, em caso de hostilidade, a fugir, atacar, defendermo-nos. (MORIN, 2007c, p. 77)

Onde guardamos nossos preconceitos? Poder-se-ia pensar, num lampejo, em preferir a morte a ter que aceitar o Outro que não se encontra nos nossos padrões de ser humano? Compreendemos que o que precisa morrer é o homem indiferente que habita em nós, para nascer um homem compreensivo. Sendo o próprio produto e produtor das marcas da Modernidade, a Educação que não é neutra é também contraditória e possui, em seu cerne, monstros e maravilhas. “A questão é saber se os monstros destruirão as maravilhas ou se as maravilhas subjugarão os monstros.” (MORIN, 2011, p. 31). Ensemajamos um sujeito com o pensar complexo, de maneira que:

AQUILO QUE HOJE MORRE não é a noção de homem, mas sim uma noção insular do homem, retirado da natureza e da sua própria natureza; aquilo que deve morrer é a auto-idolatria do homem, admirando-se na imagem pomposa de sua própria racionalidade.

Os sinos dobram por uma antropologia reduzida a uma tênue faixa psicocultural flutuando como um tapete voador sobre o universo natural. Os sinos dobram por uma antropologia que não teve o sentido da complexidade, embora seu objeto seja o mais complexo de todos, e que se assustava com o menor contato com a biologia a qual, com objetos menos complexos, se baseia em princípios de conhecimentos mais complexos.

Os sinos dobram por uma teoria fechada, fragmentada e simplificante do homem. A era da teoria aberta, multidimensional e complexa já começa.

(MORIN, 1975, p. 199)

O movimento da vida leva-nos a outros olhares, leva-nos a compreender que o sujeito é único para si mesmo e age como centro de referência. A Educação, em tempos complexos, necessita de uma *autoética* que nos faça acreditar na fraternidade, na compaixão, e professar a fé no ato de aprender com o Outro. A Educação, em tempos complexos, necessita da autocrítica, que nos leva à modéstia, à humildade pelo reconhecimento dos nossos erros e das nossas fragilidades. A Educação, em tempos complexos, necessita de ensinar a condição humana, que nos permite tratar o sujeito como um ponto no holograma, considerando que todos somos parte do cosmos e que o cosmos está em nossa constituição. Necessita buscar, dentro de nós mesmos e da própria cultura, uma ressignificação da Educação, isto é, dando atenção às incertezas que sucumbiram às certezas por um bom período. Não uma Educação que procura novamente dicotomizar, neste caso, abandonando as certezas e privilegiando as incertezas, mas retirando os sulcos favoráveis à construção de uma experiência que seja pertinente ao tempo complexo, presente, que vivemos, atravessada por uma ética da compreensão. A Educação em tempos complexos necessita, impreterivelmente, de uma *Ética da Compreensão*; nas palavras de Morin (2003b, p. 91): “a compreensão não desculpa nem acusa. Compreender é compreender por que e como se odeia e se despreza.”

Não podemos considerar a complexidade como a salvação da Educação, mas como um sino que tinge, suscitando uma nova consciência de si no movimento do ser e do saber e se constituir na relação com o mundo, “que nos permita descentrar em relação a nós mesmos, logo, reconhecer o nosso egocentrismo e de medir o grau de nossas carências, lacunas, fraquezas.” (MORIN, 2007b, p. 94)

Uma outra temporalidade, mais perene a este próprio tempo complexo. Uma temporalidade que nos permita perceber um sujeito *complexus*, em que possamos compreendê-lo à luz/sombra de um paradigma que não fragmente nem reduza o sujeito e o objeto em sua relação com o mundo. Eles não são como líquidos de densidades diferentes, que ficam sobrepostos, eles são o múltiplo no uno e o uno no múltiplo, complexo da qualidade humana última, no núcleo do que há de melhor e mais frágil.

A complexidade não é um ídolo a ser cegamente adorado. Ao contrário, é uma possibilidade aberta a um outro paradigma, que promove em nós uma pulsação contínua do ir e vir da memória que se prolonga pela temporalidade do passado e do presente, admitindo a liquidez do futuro nos fazeres do agora, em *ser* e em *saber* na complexidade do sujeito na Educação em tempos complexos.

3 Os ponteiros sempre retornam, mas as horas são sempre outras

Na literatura infantil, a personagem Alice, de *Alice no país das maravilhas*, faz a seguinte pergunta ao coelho: “Que caminho devo seguir?” E ele responde: “Depende de onde você quer chegar”.

Estamos acostumados a segmentar. Esta ideia está dentro de nós, mas a nossa luta moral e intelectual deve ser, justamente, contra esse fatalismo. Quanto mais tentamos nos enquadrar, mais estaremos distantes da natureza humana.

O pensamento complexo nos convida a ver que cada parte tem um movimento único, vivenciado e experienciado de forma única, indo na contramão do processo separatista, que entende que é necessário dividir as partes para compreender o todo, levando-nos a fazer o mesmo processo para compreender o mundo. Se considerarmos que a Educação necessita ser sistêmica, é necessário invertermos. Desdobrarmos. Desdobrarmo-nos. (Re)inventarmos os espaços institucionalizantes e institucionalizados com o Outro, indo na contramão de um ensino que se pauta por um lado apenas entre as inúmeras possibilidades que caracterizam este tempo complexo em que vivemos. Estamos em um misto de certezas e de incertezas. Se trabalharmos apenas com as certezas, congelaremos as possibilidades humanas da criação; se nos pautarmos apenas nas incertezas, ficaremos à mercê da dispersão e da deriva.

Em entrevista ao jornal francês *Le Monde*, em janeiro de 2010, Edgar Morin disse que “a verdadeira esperança sabe que não tem certeza. É a esperança não no melhor dos mundos, mas em um mundo melhor.” Bom, é indiscutível que temos muito a melhorar, porque insistimos em deixar o velho em nós. Fomos criados com paradigmas

velhos, mas o novo eclode à nossa volta o tempo todo, apesar de termos medo dele. O novo é um desafio constante neste caminhar que ainda é bem incerto.

Em meio ao caminhar pelas desordens e incertezas, não podemos perder de vista o que representa a autocrítica, em uma reflexão mais profunda. Apesar de ser lúcido esse pensamento, por vezes, elaboramos apenas a “crítica” – lançamo-la a outrem – e esquecemos do prefixo “auto”. Daí, indagamo-nos como podemos pronunciar o termo autocrítica, se ainda assim o fazemos sob as rédeas do falso compreender, apontando para o Outro? Como posso pensar em resgatar a minha lucidez sem denunciar as minhas torpezas? Como poderia domar os *meus demônios* sem conhecer a mim mesmo?

Caminheiros complexos, somos todos. As contradições estão vivas em nós, independentemente dos preconceitos do mundo que surgiram dentro de cada um que nele vive. Independentemente de nossos gestos de exclusão, que começam ao negarmos uma mão quando nos é oferecida. Independentemente da falta de compreensão do mundo com ele próprio, a contradição vive em nós, mas, a cada dia, vamos reconhecendo a necessidade de fazermos escolhas para enfrentá-las e vivê-las, já que as fazemos a todo momento, uma vez que escolher não escolher é também uma escolha.

Não colocamos que a verdade está conosco e que o mundo vem pensando erroneamente. Apenas ponderamos alguns pontos que achamos necessários e fundamentais que estejam em nossa humanidade da humanidade, e que outros sejam problematizados em nossas fragilidades. Afinal, ninguém muda ninguém, somente as próprias pessoas têm a condição de se mudarem. O intuito desses apontamentos não foi o de apresentar uma verdade, mas uma possibilidade de nos fazer pensar a condição de nossa vida e conhecimento, ser e saber na Educação; de ousar provocar sentidos e significados que nos estimulem a reescrevermos a nossa história, conhecendo-nos a nós mesmos no caminhar das estradas complexas, fazendo o caminho, envolvendo-nos com o meio e vivenciando a *práxis* no e com o mundo.

Se os ponteiros do relógio voltam sempre à mesma hora, as horas nunca são a mesmas de antes. Sempre retornamos, a cada hora, modificados pela experiência. Depois de certo tempo que lemos um livro, se retomarmos a leitura, vemos outras coisas que, antes, deixamos passar, fazemos outras inflexões, choramos, rimos dos mesmos escritos, mas uma outra escuta nos chega. O sujeito é inacabado e sua capacidade de mudança e transformação é extraordinária. O retorno ao começo é sempre diferente. O caminho, além de ser feito ao caminhar, como dizia o poeta, é também, sem dúvidas, espiralado e complexo. Se nomeamos, no início desses apontamentos, o pensador Edgar Morin como viajante inventor e construtor de si mesmo que se alimenta de várias culturas, é porque essa adjetivação nos remete ao ato de se deslocar com a devida atenção na jornada. Uma suposta conclusão é somente uma retomada das horas que já passaram de escritas? Talvez, mas as horas se fazem mergulhadas pela experiência do caminho. Durante a caminhada, podemos seguir rastros, mas também deixamos os nossos.

Estamos tateando as mesmas horas com experiências diferentes de outros antes de nós no fluxo da vida. Pensamos, assim, este ensaio sobre o sujeito na educação à luz/sombra de sua ontologia; afinal, como disse Heráclito, apenas saber muitas coisas não instrui a inteligência. Se revisitarmos a nossa escola de sempre, isto é, muitas das vezes cinza, fria, triste, prosaica, técnica etc., com outros olhares paradigmáticos sobre ela, talvez enxerguemos uma outra escola diante de nós; talvez mais colorida, calorosa, com risos, mais poética.

Se tivéssemos de responder ao coelho, não saberíamos ao certo o que dizer, mas, dentro desta incerteza, existe uma possibilidade: a esperança. Esperança de “enxergar” com a sensibilidade, de construir um caminho ao caminhar que possa nos dar alegrias quando olharmos para trás. Mas se, ainda assim, não for possível, que não fiquemos presos ao ontem, estagnados no agora, sem esperança no porvir. Assim, pois, de certa forma, somos prisioneiros do passado, mas somos artífices do amanhã, através do fazer agora. Temos esperança em deixar o velho, em compreender sensivelmente, em pensar como um *Homo complexus* (MORIN, 2007c) na e com as contradições. Pois o amor existe no mundo e, enquanto houver amor, há esperança.

Referências

MARQUES, Carlos Alberto. *A imagem da alteridade na mídia*. 2001. 248f. (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

MORAES, Maria Cândida. *Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais*. São Paulo: Antakarama/WHH, 2008.

MORIN, Edgar. *O enigma do homem*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

_____. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002a.

_____. *Educação e complexidade: Os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez, 2002b.

_____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002c.

_____. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, F. M.; SILVA, J. M. (Orgs.). *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. 3. ed. Porto Alegre: Sulinas/Edipucrs, 2003a. p.1-27.

_____. *Meus Demônios*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003b.

_____. *X da questão: o sujeito à flor da pele*. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003c.

_____. *O método I: A natureza da natureza*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007a.

_____. *O método 6: Ética*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007b.

_____. *O método 5: A humanidade da humanidade - a identidade humana*. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007c.

_____. *Amor, poesia, sabedoria*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. *Rumo ao abismo?: Ensaio sobre o destino da humanidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

_____. *Meus filósofos*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

_____. ; CIURANA; Emilio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. *Educar na era planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. São Paulo: Cortez, 2003.

PETRAGLIA, Isabel. *Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

Recebido em: 31/07/2016

Aprovado em: 03/10/2018